

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

NIVEA MESQUITA FERREIRA MARQUES

**A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL NA LITERATURA  
INFANTIL: Análise das obras “*Meu Crespo é de Rainha*” (bell hocks) e “*O Cabelo de  
Cora*” (Ana Zarco Câmara)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

NIVEA MESQUITA FERREIRA MARQUES

**A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL NA LITERATURA INFANTIL: Análise das obras “*Meu Crespo é de Rainha*” (bell hocks) e “*O Cabelo de Cora*” (Ana Zarco Câmara).**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”  
Orientador: Prof.º Dr. Marcio Matiassi Cantarin

CURITIBA - PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



**A valorização da identidade étnico-cultural na literatura Infantil: Análise das obras "Meu Crespo é de rainha"(bell hocks) e "O Cabelo de Cora" (Ana Zarco Câmara) .**

por

**NIVEA MESQUITA FERREIRA MARQUES**

Esta monografia foi apresentada às 15:00 do 11 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Osasco - SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Alice Atsuko Matsuda

marcio matiassi cantarin

Marcelo Franz

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/336ED2AA>

## DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que acreditam que a literatura transforma os sujeitos,  
alicerça caminhos e constrói pontes.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Universidade Tecnológica Federal do Paraná por nos proporcionar a possibilidade de participar do curso de especialização em Língua Portuguesa e Literatura, curso que me possibilitou um aprendizado significativo a minha prática profissional.

A todos os professores que ministraram as disciplinas com muito afinho e responsabilidade.

Aos meus colegas de curso, pelas trocas e apoio no decorrer das atividades e encontros.

A tutora presencial do Polo Osasco Larissa Lisboa, que estava sempre atenta as nossas necessidades colaborando da melhor forma possível.

Agradeço a minha família que compreende as minhas necessidades acadêmicas me apoiando incondicionalmente.

Aos meus alunos que são fonte de inspiração na minha constante busca pelo aprendizado.

Ao professor Dr. Marcio Matiassi Cantarim, meu orientador nessa pesquisa, sempre solícito e pontual em suas considerações.

E em especial a Deus, que me permitiu chegar até aqui com saúde para realizar esse trabalho.

## RESUMO

MARQUES, Nivea Mesquita Ferreira. **A valorização da identidade étnico-cultural na literatura infantil: Análise das obras “Meu Crespo é de rainha” (bell hooks) e “O Cabelo de Cora” (Ana Zarco Câmara).** 2020. 36 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) - Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação. Curitiba, 2020.

A aprendizagem na primeira infância nos possibilita construir ações que favoreçam o desenvolvimento individual e social das crianças, assim nosso papel enquanto educadores é trazer referências importantes para a formação dos alunos. O trabalho com a leitura literária estabelece além de práticas de cultura leitora, uma oportunidade de nos aprofundarmos em questões culturais, políticas e identitárias que favoreçam a construção de identidades, sendo uma delas a identidade negra. Por meio dos livros literários temos a possibilidade de apresentar experiências étnico-culturais que implicarão significativamente na formação identitária das crianças. Sendo assim, a literatura infantil transforma e desenvolve a capacidade intelectual das crianças correspondendo em alguns momentos suas expectativas e ampliando sua criticidade. A partir da análise apresentada, podemos observar como o trabalho com as obras de literatura infantil contribuem para que os alunos valorizem a identidade étnica cultural por meio da beleza da criança negra atribuindo sentido e significados à sua existência. Assim, o objeto de análise dessa pesquisa está ancorado respectivamente na literatura infantil por meio das obras “*Meu Crespo é de Rainha*” (bell hooks<sup>1</sup>) “*O Cabelo de Cora*” (Ana Zarco Câmara) para evidenciar como a literatura na primeira infância é importante para identificarmos diferenças e semelhanças a fim de buscar um reconhecimento da diversidade étnica cultural e como esta se relaciona na produção de identidades.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Literatura Infantil. Identidade étnico-cultural. Cabelo e estética negra.

---

<sup>1</sup> Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks é uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense. O nome "bell hooks" (escrito em minúsculas) foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- .....	25
Figura 2- .....	25
Figura 3- .....	26
Figura 4-.....	28
Figura 5-.....	29
Figura 6-.....	30
Figura 7-.....	31

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	8
2	A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BNCC .....	10
2.1	A LITERATURA INFANTIL E O CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO .....	12
2.2	A ESCOLA E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA .....	15
2.3	POR QUE TRABALHAR A DIVERSIDADE ÉTNICO-CULTURAL NA ESCOLA? ..	20
3	ANÁLISE DOS LIVROS: Meu Crespo é de Rainha (bell hoks) e O cabelo de Cora (Ana Zarco Camâra) .....	23
3.1	Meu Crespo é de Rainha! .....	24
3.2	O Cabelo de Cora .....	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
	REFERÊNCIAS .....	34

## 1 INTRODUÇÃO

Pensando na importância do ambiente escolar e diante de seus múltiplos espaços e possibilidades, podemos considerá-lo um potente ambiente para discussões que fomentem a constituição de identidades multiculturais iniciando esse processo na Educação Infantil. A literatura na escola se desenvolve a partir de práticas sociais de leitura que acontecem de maneira sistemática, ou não, mas que visam impreterivelmente a formação de bons leitores, porém sabemos que pensar na literatura somente para o aprendizado da leitura é um equívoco, pois além de colaborar para a apropriação da leitura ela também desenvolve e humaniza o leitor. Por meio da leitura literária desde a primeira infância, podemos oportunizar momentos de troca, onde além de conhecer autores, histórias e apropriar-se da leitura os alunos também tem oportunidade de conhecer a si mesmo e ao outro, a partir de referências que farão parte de sua constituição enquanto sujeito e agente social.

Diante dessa perspectiva, a presente pesquisa apresenta não só a importância da escola como espaço de colaboração para a continuidade da construção da identidade negra, mas como as múltiplas possibilidades das quais dispomos são fundamentais para tornarmos esse ambiente mais acolhedor, desenvolvendo políticas educacionais e estratégias pedagógicas que viabilizem a valorização da diversidade, nos diferentes níveis de ensino.

Os livros de literatura infantil trazem a representação da expressão simbólica do olhar do outro, atuam diretamente na formação de uma consciência de mundo, essa é uma questão fundamental a ser observada pelos professores, pois um dos maiores problemas que encontramos dentro da escola é a ausência de práticas que viabilizem a valorização das diferenças e a construção positiva das relações e interações sociais dos alunos, favorecendo situações de discriminação e preconceito, por meio de práticas educativas descontextualizadas e hierárquicas .

Levando em consideração a legislação que norteia as práticas pedagógicas de desenvolvimento da educação infantil, que enfatizam que as vivências familiares e sociais das crianças devem ser ampliadas na escola respeitando sua multiculturalidade por meio de diferentes campos de experiências , sendo o contato com obras literárias uma delas, apresento nessa pesquisa a importância da educação infantil para iniciarmos uma discussão sobre as identidades sociais e como podemos por meio de nossa prática educativa contribuir para a constituição da mesma por meio da literatura infantil na escola.

A partir da análise da literatura infantil por meio dos livros *O Cabelo de Cora* e *Meu Crespo é de Rainha* propondo uma reflexão sobre como a identidade negra é construída na

escola e como ela pode contribuir para a construção do autoconceito e representatividade das crianças por meio de diferenças e semelhanças, visando um reconhecimento da nossa diversidade étnica cultural na produção de identidades, tendo em vista que encontramos práticas hierarquizadas que corroboram para a perpetuação de padrões e negação dessas identidades.

O tema abordado na presente pesquisa está relacionado a percepções e reflexões que venho estabelecendo ao longo de minha carreira no magistério. Dessa forma, ela traz como objetivo geral a importância da leitura literária desde a primeira infância na educação infantil e como ela pode favorecer a formação de uma cultura leitora e de identidade por meio da valorização da diversidade étnica e cultural. A partir de observações e reflexões nos espaços escolares principalmente nos momentos de leitura se faz necessário propor discussões sobre a constituição da identidade e beleza da criança negra na literatura infantil e como as obras que tratam da temática do “cabelo” contribuem para a formação da identidade étnica-cultural da criança e conseqüentemente para valorização de sua autoestima apresentando-se como um caminho para reverter o processo histórico de invisibilidade étnica e cultural.

Para pensar sobre a questão além de pesquisas bibliográficas, observações e vivências no cotidiano escolar, apresento como argumento principal a literatura na formação integral dos sujeitos, sendo ela uma base fundamental para reflexão e ação diante do mundo. Assim, os pressupostos teóricos que embasam essa pesquisa estão ancorados na literatura como uma arte que contribui para a formação da criança, do seu eu com o mundo desenvolvendo valores. Como afirma Coelho (2000, p.15) ... a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em formação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/ livro, seja no diálogo leitor/ texto estimulado pela escola. Ao analisar as obras e suas possíveis abordagens no contexto escolar tenho a oportunidade de relacioná-las aos objetivos de desenvolvimento da criança na educação infantil e observar uma temática considerada tão importante para a construção das identidades sociais, nesse caso, às obras em questão ressalta a questão do cabelo e como esse símbolo estético tem forte influência na constituição da identidade negra, sendo um signo que pode favorecer essa identidade por meio do reconhecimento da ancestralidade, representatividade e afirmação étnica cultural.

## 2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BNCC

Na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada em dezembro de 2017, a educação infantil é tratada como a primeira etapa da educação básica, a ideia apresentada nesse novo documento vai além da então concepção que prioriza o cuidar agregando a mesma uma proposta pedagógica que acolhe as vivências e os conhecimentos das crianças até então construídos com sua família e comunidade. A partir dessa perspectiva o objetivo da educação infantil visa ampliar o universo de experiências das crianças, desenvolvendo habilidades que complementem a educação familiar priorizando o seu processo de socialização, autonomia e comunicação. Nesse sentido o documento salienta a importância da parceria entre escola e família, além de ressaltar a responsabilidade da instituição em conhecer e trabalhar com as diversas culturas plurais, sendo respaldada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) em seu artigo 9º que enfatiza as interações e brincadeiras como eixos estruturantes das práticas pedagógicas na educação infantil, desenvolvendo assim seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser assegurados nessa primeira etapa da educação por meio dos campos de experiências, viabilizando a criança a oportunidade de conhecer e vivenciar desafios, construir significados sobre si mesmo e os outros apropriando-se de sua cultura.

### DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

• Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BNCC, 2017, p.38)

A partir desse novo olhar sobre a maneira como a criança aprende, sendo um ser que observa, questiona e constrói conhecimentos a partir de interações sociais e as possibilidades das quais os educadores podem se equipar no ambiente escolar as práticas pedagógicas na educação infantil devem abastecer de uma intencionalidade educativa.

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BNCC, 2017, p.38)

Portanto, ao levar em consideração as premissas da Base Nacional Comum Curricular a aprendizagem na educação infantil deve basear-se em cinco campos de experiências que definem os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, são eles “O EU o Outro e o Nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, Traços, sons, cores e formas”, Escuta, pensamento e imaginação”, “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, cada um desses campos tem uma finalidade específica que contemplam o desenvolvimento integral da criança, na presente pesquisa apresento a temática do “cabelo” por meio da literatura infantil evidenciando o trabalho pedagógico com foco no desenvolvimento dos campos de experiência “O EU, o Outro e o Nós” , e “Corpo, gestos e movimentos” que tem diversos objetivos de aprendizagem como pode ser observado no Quadro 1

Quadro 1- Objetivos de aprendizagem “O Eu, o Outro e o Nós” e “Corpo, gestos e movimentos”

(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.
(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
(EI01EO02) Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.
(EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.
(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
(EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.
(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
(EI01EO04) Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.
(EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.
(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI01EO05) Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.
(EI02EO05) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.
(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
(EI01EO06) Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.
(EI02EO06) Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.
(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
(EI02EO07) Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.
(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.
(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.
(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular.2017 p.45,46, 47.

## 2.1 A LITERATURA INFANTIL E O CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO

O Currículo da Cidade de São Paulo para Educação Infantil passou por uma reelaboração e foi implementado no ano de 2019, esse novo documento foi elaborado por diferentes profissionais da área da educação em um trabalho coletivo e teve como base principal diversas discussões sobre a educação infantil paulistana. O documento ressalta que

A escola é um lugar onde se aprende a conduzir a existência, tendo em vista o interesse comum, e não apenas os desejos e interesses individuais. Na Educação Infantil, os espaços possibilitam o exercício da ação coletiva e da autonomia dos bebês e das crianças nas suas investigações, isto é, na sua descoberta de si e dos outros e no conhecimento do mundo. Estar nesse espaço educativo possibilita aos bebês e às crianças criar uma voz própria, com autoria e protagonismo. É um tempo para identificar os seus sentimentos e desejos, construir um estilo pessoal frente ao mundo, aprender a compreender as pessoas e a diversidade de seus modos de ser e estar, fazer escolhas desenvolvendo significados pessoais e significações sociais. (CURRÍCULO PAULISTA ED. INFANTIL, 2019, p. 23)

O documento é orientado pela Matriz dos Saberes que fundamenta-se em marcos legais e documentos oficiais definidos pelos princípios éticos e estéticos definidos pelas DCNEI, que salienta os saberes históricos e abordagens pedagógicas que priorizam as crianças, os valores e concepções da educação infantil, assim o objetivo da Matriz dos saberes é a formação de cidadãos éticos que contribuam para uma sociedade mais inclusiva e democrática. Nesse mesmo documento, encontramos um espaço que fala especificamente da Educação para as relações étnicas raciais que adequa a Educação infantil para assegurar a aplicação da lei 10.639/13 que estabeleceu a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana na escola, traçando objetivos e encaminhamentos pertinentes a educação infantil, que promovam uma organização no projeto pedagógico com atenção as

práticas discriminatórias e reconhecimento a questões culturais no processo de construção de identidades sociais sendo uma delas a negra.

Quando consideramos a EI, com que olhar pensamos e refletimos as histórias dos bebês e das crianças em geral, e as histórias de crianças negras, indígenas ou imigrantes em particular? É preciso atentar para a formação identitária na EI, uma vez que se trata de crianças de zero a seis anos de idade. É no contexto das diversas formas de socialização que as diferenças negativadas ou positivadas se estabelecem e despertam os sentimentos de rejeição ou empatia em relação aos pares. É preciso ter atenção sobretudo ao racismo implícito, contido no tom da voz, no toque, no olhar, na brincadeira, nas brigas e nos xingamentos. O reconhecimento e a atenção a essa questão identitária — ligada à variável raça e etnia —. (CURRICULO PAULISTA ED. INFANTIL, 2019, p. 44)

A literatura nos permite ampliar os horizontes de expectativas dos alunos, por meio dela temos a oportunidade de criar espaços e situações significativas, o trabalho com as obras literárias dentro da escola possibilita conhecer, debater, analisar e transformar as vivências das crianças. Dessa forma devemos compreender a importância de ser educador da primeira infância e como nossas escolhas literárias podem auxiliar nossos alunos a reconhecer suas identidades e compreender a diversidade étnica cultural do mundo como uma grande experiência para si e para o outro.

O currículo da cidade de São Paulo ressalta que “Um modo muito efetivo de enfrentar esse desafio na Educação Infantil é ofertar às crianças representações gráficas, literárias, científicas e artísticas que contemplem essa diversidade, para que encontrem nos textos lidos personagens que protagonizem diferentes histórias.(CURRICULO PAULISTA, 2018, p.46) Podemos considerar a escola como um lugar privilegiado no processo de construção de identidades, partindo da ideia de que esse espaço não se restringe apenas a compartilhamento de conteúdo, mas também de valores, crenças e práticas sociais e culturais. O documento direciona o nosso olhar para que possamos compreender que o trabalho com a literatura em sala de aula não deve se limitar a critérios fatuais nem a padrões de modo de ver a realidade, o texto literário transcende na busca de construção de sentidos entre os sujeitos e o mundo, dando margens a interpretações e reinterpretações. A literatura está associada a práticas de leituras que traçam diferentes objetivos promovendo uma ação compromissada entre leitura, vida e literatura, assim a escola por meio da literatura infantil tem a possibilidade de formar novos leitores desenvolvendo o hábito pela leitura de uma maneira contextualizada, onde por meio das obras apresentadas as crianças interajam de maneira significativa ampliando sua identidade e conhecendo as diferentes relações sócio culturais estabelecidas nesse ambiente.

De acordo com o CURRICULO PAULISTA (2018, p.46) A escola é espaço de formação e de construção das identidades sociais dos bebês e das crianças, que se compromete com a transformação social. Portanto, as obras apresentadas devem ter caráter

lúdico reflexivo despertando nas crianças a curiosidade e o prazer de ter contato com as mesmas, por meio das histórias apresentadas ela terá a oportunidade de criar diversas representações sobre os sujeitos e objetos, sonhar, interagir, imaginar e estabelecer relações consigo mesma e com os outros. Nesse processo acaba desenvolvendo o seu potencial crítico aprendendo a analisar os fatos e desenvolver sua sensibilidade respeitando as diferentes formas de ser e reconhecer o outro, além de descobrir o mundo literário e seus caminhos que contribuem para aprendizagem, alfabetização e letramento, auxiliando no desenvolvimento do vocabulário, na aquisição da leitura e escrita, na sua comunicação e interação em diferentes contextos.

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição sine qua non para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p.16)

A literatura infantil como um fenômeno de caráter lúdico, pode colaborar para que qualquer assunto seja exposto e discutido, de forma leve e funcional, principalmente os que dizem respeito nossa origem, nossa cultura e representatividade. Desta forma, é muito importante escolher obras, que apresentem a diversidade da cultura brasileira apresentando situações e personagens que nos leve a reflexões significativas. A leitura como ferramenta de informação, pode ser considerada uma forte arma de conscientização no combate a práticas discriminatórias dentro das escolas, é seguindo o caminho da leitura, que crianças podem refletir e compreender sobre tais atos e aprender a importância de se discutir também sobre preconceito, ancestralidade e direitos humanos, uma vez que o assunto é abordado e contextualizado por meio de representações lúdicas que apresentem diferentes etnias, hábitos e culturas, expondo assim as diferentes identidades e heranças deixadas por seus antepassados que devem ser conhecidas e respeitadas.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar, o cidadão para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2002, p.106)

Percebemos que a literatura infantil dentro do ambiente escolar é fundamental para desenvolvemos práticas que auxiliem na constituição das identidades sociais, portanto

podemos enquanto educadores nos valer de diferentes estratégias que viabilizem e promovam o respeito e atenção a diversidade.

## **2.2 A ESCOLA E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

A escola ocupa uma importante função na formação dos sujeitos, sendo um local onde muitas crianças se encontram desde cedo e tem a possibilidade de ver e conviver com diferentes pessoas em diferentes espaços, a mesma não se resume apenas a uma instituição que apenas ensina conteúdos relacionados as diversas disciplinas, contribuindo de maneira significativa para a construção do sujeito e o mundo que lhe cerca. Diante de tal questão precisamos compreender esse ambiente escolar e como ele se constituiu na formação de seus conceitos em meio a diversidade.

A escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades. O tempo de escola ocupa um lugar privilegiado na vida de uma grande parcela da sociedade brasileira. Esse tempo registra lembranças, produz experiências e deixa marcas profundas naqueles que conseguem ter acesso à educação escolar. Tais fatores interferem nas relações estabelecidas entre os sujeitos e na maneira como esses vêm a si mesmos e ao outro no cotidiano da escola. (GOMES, 1996, p.68.)

O ambiente escolar é mais um espaço onde a criança tem a oportunidade de conviver e aprender com os diferentes grupos sociais, dessa forma a mesma tem a possibilidade de apropriar-se de seu grupo seja ele de gênero, étnico e cultural, refletindo sobre sua identidade social. A partir das percepções e vivências a criança irá constituir-se sujeito e acaba incorporando papéis sociais básicos adquirindo características fundamentais de sua personalidade e identidade. Assim, podemos dizer que a sociedade por meios das relações sociais estabelecidas exerce forte influência na formação de toda e qualquer identidade por meio de fatores sociais (gênero, raça ou classe social) e fatores físicos (o corpo e características físicas).

Cada pessoa constrói o seu modo próprio de ser, viver, conviver, isto é, a sua identidade, ao ir pondo sentido nos objetos, nos acontecimentos, nas relações entre as pessoas, entre elas e a natureza. Esse gesto, renovado continuamente ao longo da existência, de significar o mundo, se produz no ambiente da família e da comunidade, sendo informado pela classe social, pelos grupos de gênero e de raça de que se faz parte. (Silva, 1991, p.182.)

No entanto, essa criança pode estabelecer uma identidade hierarquizada que colabore para a propagação de padrões excludentes e preconceituosos, isso pode se dá por meio do

currículo escolar, dos meios de comunicação e das relações que fazem parte da vida social da mesma.

No que diz respeito ao sistema de ensino em uma sociedade racista, as crianças brancas e negras – desde a educação infantil, por meio do currículo escolar – contam com uma série de atividades que, de maneira sub-reptícia, lhes apresentam atitudes e comportamentos socialmente hierarquizados em relação às pessoas pertencentes a diferentes grupos raciais. As crianças dispõem ainda dos meios de comunicação (televisão, jornal, filmes, livros, gibis, revistas, rádio etc.) como um importante influenciador para as atitudes raciais. Os programas televisivos constituem um mediador ímpar na apresentação de um mundo hierarquizado, com normas e valores demarcados em relação aos grupos raciais que compõem a sociedade. (CAVALLEIRO, 2006, p. 84).

Outra questão considerável nesse processo é a maneira como essas vivências são estabelecidas e consideradas, tendo em vista que a linguagem utilizada, pode prevalecer práticas pedagógicas emancipatórias e ao mesmo tempo estabelecer equívocos que contribuem para perpetuações de atitudes discriminatórias. Gonzales in apud Ribeiro (2017 p.18), ressalta que a linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e estimular criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser mais um impeditivo de uma educação que ela chama de transgressora.

Todos os educadores independentemente do nível de ensino devem atentar-se as práticas pedagógicas homogêneas e normatização de atitudes discriminatórias, por isso o mesmo deve conhecer e apropriar-se da diversidade étnico-cultural e da literatura como força humanizadora para desestruturar esse paradigma pré-estabelecido. E mesmo a partir de todas as orientações e contribuições sobre a questão podemos observar que a escola se encontra imersa em um padrão de repetição de práticas discriminatórias, que ainda tende a deixar as questões étnicas-culturais invisibilizadas não contemplando todas as discussões pertinentes a construção da identidade das crianças. Sobre essa questão é importante considerar que há uma necessidade substancial de descolonizarmos o conhecimento a partir do que nos foi ensinado sobre determinados grupos, para Alcoff apud Ribeiro (2017, p.19) para reverter o processo de descolonização do conhecimento hierarquizado, precisamos nos ater a identidade social, não apenas para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas.

Desta forma, o processo educativo deve ser visto de uma maneira mais ampla, onde a literatura por meio da relação entre cultura e educação nos permita compreender como os sujeitos constroem ao longo desse processo de escolarização as suas múltiplas identidades e qual a importância de posicionar-se em um determinado grupo para conhecer e compreender a sua posição de onde se fala e por que se fala.

Para Gomes (2003, p.171) a identidade negra é entendida, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a forma de olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Porém há de se pensar que construir uma identidade negra positiva a partir da história que nos é ensinada desde cedo se torna um desafio importante para a escola e professores, pois a política identitária vem ao longo dos anos mantendo uma ideia díspares à luta de classes, o que dificulta pensar em uma ideia de identidade produzidas historicamente e passíveis a transformações. É necessário conhecer e perceber como podemos de fato construir uma identidade fora da lógica colonial, tendo como objetivo desconstruir o conceito de que as identidades são construídas a fim de estigmatizar ou privilegiar determinados grupos e a partir daí conhecer de que forma as políticas identitárias favorecem ou desfavorecem determinados grupos sociais. Para Ribeiro (2017, p.31) definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora. Sendo assim, devemos pensar em ações que possam ser favoráveis ao desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipatórias que estabeleçam relações sociais favoráveis a compreensão e desconstrução das desigualdades.

“A identidade não é inata” GOMES (1996, p. 75). Ela se constrói em determinado contexto histórico e cultural. Portanto somos sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais das quais nos apropriamos estabelecem relações transitórias que se modificam a partir de diferentes vivências sociais das quais nos são apresentadas no decorrer de nossas vidas. Aprender a valorizar a identidade étnica cultural a partir de interações das práticas sociais, depende de conhecermos como a identidade social é estabelecida entre os sujeitos, conhecendo também o conceito de identidade e como ela se constrói socialmente a partir das relações sociais estabelecidas.

Como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. (GOMES, 2003, p. 171)

Partindo da premissa de que a identidade é um resultado de um processo histórico cultural que se constrói por meio das diferenças, a escola também será o local onde a criança aprenderá novas atitudes que compartilhará com sua família e sociedade de uma maneira mais ampla, a partir desse processo ela será conduzida a aprender em quais grupos se identifica e

faz parte de sua identidade social, nesse processo muitas questões podem ser deturpadas levando-a a afirmar ou negar uma identidade.

Nessa perspectiva, quando pensamos a escola como um espaço específico de formação, inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, normas, projetos, provas, testes e conteúdo. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2003, p. 171,172)

A família também exerce uma grande influência nesse processo, pois pode reforçar normas e monitorar o comportamento por meio de ações que inibem a vida social da criança. Um exemplo dessa situação é deixar a criança participar de grupos sociais dos quais todas as pessoas tem as mesmas características físicas, a mesma crença religiosa e compartilham ideologias semelhantes, assim ela fica condicionada a se encaixar em certas identidades padronizadas o que a diante pode lhe trazer prejuízos em sua formação pessoal.

Podemos perceber que no seu processo de desenvolvimento a criança passa por importantes momentos que contribuem para a construção de sua identidade desde seu nascimento, convívio familiar e social e vida escolar, assim ela além de aprender a realidade “objetiva” ela desenvolve também a subjetividade e aos poucos toma consciência de suas características pessoais, elaborando imagens que a diferenciem do outro, compreendemos então que por meio das práticas sociais e familiares ela desenvolve seu autoconceito que influenciará no seu processo de interação e desenvolvimento na escola.

O autoconceito é moldado por uma experiência particular – sem igual –, em um sistema interativo que inclui a família e sua cadeia social primária de amigos e família e organizações significantes. As visões desse coletivo e o que produzem, como as políticas e práticas sociais, tanto estabelecem as percepções e respostas individuais quanto eventualmente determinam as bases de avaliação do autoconceito. Nesse sentido, o autoconceito que emerge nesse processo influencia o desempenho e a performance individual na escola e na vida. O entendimento sobre o desenvolvimento e a construção da autoestima, do autoconceito e da identidade nos leva a crer que a despreocupação com a convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, concorre para a construção de indivíduos preconceituosos e discriminadores. O não-questionamento dessa questão pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas, muitas vezes, no comportamento acríptico dos adultos à sua volta. (CAVALLEIRO, 2006, p.87)

Portanto para iniciar um diálogo sobre a construção da identidade étnico-cultural dentro da escola por meio da leitura, parto da concepção de que a identidade resulta de um processo construído a partir de elementos históricos, culturais e psicológicos que gradativamente formam a personalidade dos sujeitos, sendo que reconhecer a diferença não seja de fato algo negativo. Conhecer a cultura uns dos outros contribui para compreendermos melhor o mundo a nosso redor estabelecendo relações sociais significativas. A escola e os

educadores devem refletir sobre o processo de interação e socialização das crianças, sejam elas pertencentes a quaisquer grupos étnicos culturais, desenvolvendo questões fundamentais que contribuam para a construção positiva do seu autoconceito, de sua autoestima e identidade.

A escola como já vimos, é um importante espaço para a formação das identidades, no entanto a identidade negra muitas vezes é construída em meio a processos conflituosos, pois assim que o sujeito afirma uma identidade ele estabelece relação a um determinado grupo social, o que lhe torna diferente dos outros, no caso da identidade negra esse processo é ainda mais tenso, pois ela é demarcada por uma trajetória histórica estigmatizada e desvalorizada, e isso influenciará significativamente nesse processo o que faz com que os sujeitos além de assumir essa identidade também tenha que reafirma-la.

A escola é também um lugar de conflito de identidades. No espaço da casa, da família, a criança é imbuída de valores e normas que se estruturam em forma de identidades e definem o contorno daquilo que se é e do que se quer ser. Esses limites são testados o tempo todo no espaço da casa, da rua, e também da escola. Nos lugares de encontro com o outro, com o diferente, tais valores são confrontados com a maneira como o sujeito define sua autoimagem. Constrói-se uma relação dialética que desestabiliza e pode reconstruir e/ou reafirmar identidades. (Gomes, 2015, p. 615)

O processo de construção da identidade negra é articulado com a cultura, sendo necessário pensar em um caminho mais amplo e complexo estabelecido nas relações sociais e pessoais que não podem ser separadas, pois ambas se constroem nas relações humanas já estabelecidas. Segundo Collins apud Ribeiro (2017 p.41) é necessário entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos. Isso nos permite pensar que somos sujeitos de inúmeras identidades que se formam de maneira plural e são ressignificadas de acordo com nossa interação com o grupo social.

A identidade negra se constrói gradativamente por meio de diversas variáveis, iniciando no processo de interação do sujeito com a família e ampliando-se a partir de outras relações. Quando se assume essa identidade há uma quebra de padrões sociais pré-estabelecidos nos quais as pessoas estão historicamente arraigadas, a partir daí elas acabam assumindo uma postura se colocando muitas vezes em posição de combate das desigualdades, e poderá vir a ser mais um sujeito que buscará enfrentar as práticas hegemônicas que interferem na construção positiva dessa identidade.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? (GOMES, 2003, p. 171)

Para Gomes (1996, p.68) a escola é um dos espaços que interfere e muito nesse complexo processo de construção da identidade negra, principalmente no que tange a estética e o corpo. Não é difícil nos depararmos com depoimentos de pessoas negras que veem a escola como um espaço que os excluem devido a sua estética, muitas meninas sofrem agressões verbais constantes devido ao seu cabelo e corpo, isso faz parte de um processo onde há muito tempo as escolas destilam discursos que favorecem estereótipos sobre o corpo negro, discursos esses que não se restringem somente as vivências entre os negros e brancos nesse ambiente, mas também as práticas pedagógicas que por muitos anos teve como referência a representação do corpo negro maltratado pela escravidão. Para bell hooks apud Ribeiro (2017 p.19) a identidade da mulher negra foi construída ligada ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista. Além dessa questão também vemos uma recorrente reprodução de padrões de beleza expostos pela sociedade e reafirmados nas escolas seja pelos discursos dos colegas ou professores ou pelo uso de materiais didáticos que não representem a diversidade étnico-cultural dentro desse espaço, essa questão é evidenciada por Gomes, (2002) como um processo de humanização e desumanização marcando os corpos negros por uma experiência cultural que se transformam a partir das experiências que lhe são impostas, ou seja, a afirmação de uma identidade específica.

Nos apropriando das questões até aqui expostas, podemos ressaltar novamente a importância da literatura infantil que se apresenta amplamente significativa na reflexão sobre o processo de constituição da identidade negra. Por meio do trabalho com a leitura de livros que contemplem a diversidade étnico-cultural como por exemplo a estética negra, o professor tem a possibilidade promover a partir de seu lugar de fala reflexões que permitam a construção de representações individuais e coletivas que valorizem as múltiplas identidades.

Para Ribeiro (2017 p.56) pensar lugar de fala e como ele é aplicado no debate público é uma postura ética, pois saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo.

### **2.3 POR QUE TRABALHAR A DIVERSIDADE ÉTNICO-CULTURAL NA ESCOLA?**

Ao analisar a discussão proposta até aqui, esta talvez seja uma pergunta fácil de ser respondida, a diversidade cultural faz parte do cotidiano escolar, mesmo sendo uma questão

invisibilizada por muitos anos ela sempre esteve presente nos espaços educacionais. Assim, o trabalho com ela potencializa reflexões a respeito da valorização das diferenças e como os sujeitos se constituem em meio a elas. Podemos inferir que o planejamento do trabalho com a diversidade étnico-cultural é entendida como um importante desafio para a educação, pois ela diz respeito não só aos alunos, mas sim aos professores que também se encaixam dentro de identidades construídas ao longo de sua existência. Assim, os professores que acreditam que a escola é mais que um espaço de se ensinar conteúdos devem apropriar-se de novas mentalidades tornando-se reflexivos a fim de viabilizar debates que coloquem em pauta a construção das identidades, valores, raças, gêneros, culturas entre outras questões que são inerentes ao processo educativo.

A diversidade deve ser pensada como uma questão muito além de ser uma possibilidade de trabalho com o diferente, ela tem como função tornar as diferenças e semelhanças partes constituintes das relações dos sujeitos sociais.

Mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar com as diferenças é preciso, antes, que os educadores e as educadoras reconheçam a diferença enquanto tal, compreendam-na à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação. (GOMES, 2007, p.13)

É na escola que damos continuidade a nossa convivência social, iniciada anteriormente na família. Nela encontramos uma diversidade substancial de pessoas com as quais passamos a conviver. Porém, muitos profissionais da educação têm dificuldades em lidar com a diversidade em sua prática pedagógica, pois indagam sobre a possibilidade de lidar com crianças tão diferentes e ao mesmo tempo promover a equidade entre as mesmas. Kilomba apud Ribeiro (2017 p. 59) ressalta a importância de ser romper hierarquias instituídas pelo discurso autorizado, o que pode ser conhecimento torna-se epistemologia que reflete os interesses políticos de uma sociedade branca colonial e patriarcal. Portanto, compreender episódios como a desigualdades educacionais entre gênero e questões étnico- culturais dentro da escola é uma tarefa complexa que reflete de maneira direta no processo de ensino e aprendizado das crianças e o professor por sua vez, não deve se abster de propor ações concretas que contemplem essa demanda multicultural.

GOMES (2007, p.15) afirma que para o educador trabalhar com as diferenças é preciso reconhece-a compreendendo as relações sociais, culturais e políticas da sociedade, e assim propor ações afirmativas que combatam toda e qualquer forma de discriminação. Além disso, o espaço escolar é um ambiente construído historicamente, com uma função social de

extrema relevância transmitindo conhecimentos culturais e transformando a humanidade. Isso exige dos frequentadores dessa instituição uma nova postura, na qual sejam capazes de identificar em sua prática meios de uma mediação reflexiva lidando com a pluralidade de culturas, reconhecendo os sujeitos e valorizando as diferenças.

É por meio da educação que as transformações ocorrem, primeiro ela é estabelecida pela família, mas é na escola com a convivência com a multiplicidade de pessoas que as diferenças se evidenciam e ao mesmo tempo transbordam com uma intensa repercussão. A discussão sobre a diversidade étnico-cultural na escola é fundamental para desenvolver um processo educativo reflexivo emancipatório, voltado a desenvolver ações que favoreçam as relações sociais, sejam elas de gênero, sexualidade, étnicos raciais entre outras.

Enquanto um processo que faz parte da nossa humanização, a diversidade étnico-cultural é uma característica marcante em qualquer sociedade. Ela está presente nas relações que estabelecemos no mundo do trabalho, na família, nos espaços de lazer, na escola e demais locais e instituições. Ela sempre participará da nossa vida pois é um constituinte da nossa formação como seres humanos e sujeitos socioculturais. (GOMES, 2007, p.21)

Ao longo da trajetória escolar pessoal tenho notado que apesar da ampliação dos profissionais interessados em discutir as questões da diversidade, ainda encontramos muitas resistências, tanto por parte de alguns desses como por parte das famílias, pois a sociedade ainda vê essa questão como um tema a ser proposto e não uma questão fundamental para nosso processo de socialização e construção de identidades sociais. Grande parte desse crescente debate sobre a questão está relacionada a luta dos movimentos sociais pela superação das discriminações, o pensamento e ações desses movimentos começaram a influenciar o processo educacional, desdobrando-se em diferentes ações que passaram a adentrar especialmente na escola.

...a diversidade étnico-cultural é mais do que uma questão colocada à sociedade, à escola e ao currículo para ser tratada sem preconceitos. Ela é um componente dos processos de socialização, de conhecimento e de educação. Sem compreendê-la e assumi-la não equacionaremos profissionalmente os processos educativos. Reconhecê-la é assumir uma nova relação com os processos de construção do conhecimento, dos valores e das identidades. É assumir uma nova postura profissional. (GOMES, 2007, p.24)

Assim, inicio agora a análise dos livros propostos para a discussão, sendo eles o caminho para nos ater a fim de responder e ilustrar o porquê de compreendermos e trabalharmos essa questão a partir da leitura literária principalmente dentro dos espaços escolares.

### **3 ANÁLISE DOS LIVROS: *Meu Crespo é de Rainha* (bell hoks) e *O Cabelo de Cora* (Ana Zarco Camâra)**

Atualmente muitas obras que tratam do cabelo de meninas negras foram lançadas, todas elas trazem a discussão sobre a estética corporal do negro como ponto de partida para fomentar discussões pertinentes a formação e construção positiva da identidade negra. Apesar das obras abordarem o mesmo tema o apresenta de maneira diferente, porém sempre buscando demarcar questões fundamentais como a ancestralidade, a diversidade étnico-cultural e a formação do autoconceito e autoestima das meninas negras. No caso dos livros aqui apresentados as duas escritoras buscam construir a humanidade da mulher negra a partir do que é belo e próprio de sua hereditariedade, assim as obras visam ressignificar o que é ser mulher negra dentro de uma sociedade padronizada reconhecendo sua beleza histórica e estética por meio do cabelo.

Poderemos, então, captar as impressões, representações e opiniões dos sujeitos negros sobre a escola, elegendo, com base nesses dados, temáticas que nem sempre são destacadas em nosso campo de atuação e que mereceriam um estudo mais profundo. A relação do negro com o corpo e o cabelo é uma dessas temáticas. (GOMES, 2002, p.40)

Esse processo de aceitação das características estéticas geralmente é construído de maneira conflituosa pelas meninas negras, principalmente se não contarem com uma família que as favoreçam nesse processo, isso se dá pelo fato de que elas são levadas a viver em meio a uma sociedade onde se existe um padrão de beleza europeu hierarquizado e também não há uma representatividade efetiva dos corpos negros, diante do exposto podemos compreender que o processo de construção dessa identidade negra torna-se mais complexo.

Portanto, toda e qualquer ação positiva que evidencie as mulheres negras em sua condição social e corporal serve para sustentar a sua representatividade dando significado a sua existência. Dessa forma, as obras aqui apresentadas nos aproximam dessa realidade por meio de palavras carregadas de significados que colaboram para a reflexão sobre a construção das identidades sociais de uma criança, seja ela pertencente a quaisquer grupos sociais. Para Gomes (2003, p.42) O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções do mundo, assim por meio de palavras simples, carinhosas e dotadas de conotações e ilustrações belíssimas as autoras dão visibilidade a vivências corporais de meninas negras, propondo um resgate para compreensão de sua ancestralidade e autoestima através de seus cabelos .

### **3.1 *Meu Crespo é de Rainha!***

O que nos remete a palavra Rainha? No seu primeiro livro de literatura infantil “Meu crespo é de Rainha” publicado no ano de 2018, 1ª edição pela editora Boitatá, bell hooks nos chama atenção para uma questão muito importante no processo de construção da identidade das meninas negras, o cabelo, a autora se valeu da palavra rainha para trazer um resgate a ancestralidade, reafirmar a autoconfiança e empoderamento de meninas negras, evidenciando o quanto ainda se faz necessário falar sobre o racismo na escola principalmente na infância, fase em que muitas crianças tem suas primeiras experiências discriminatórias vivenciadas por meio de seus corpos.

O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade. Pode ser, também, um importante aspecto do trabalho com a questão racial na escola que passa despercebido pelos educadores e educadoras. (GOMES, 2003, p. 173)

O livro da escritora bell hooks foi idealizado pela mesma após ter testemunhado uma situação racista dentro de uma escola infantil norte americana. No episódio a professora realizou uma leitura sobre cabelos “ruins” para sua turma. Diante da questão a escritora conhecida como uma ativista do movimento feminista negro, idealizou o livro para evidenciar a estética do cabelo negro, promovendo um processo de valorização e desmistificação do olhar negativo sobre ele. Ressalto aqui a discussão presente nessa pesquisa sobre a dificuldade de construir uma identidade negra positiva em meio a práticas pedagógicas hierarquizadas e discriminatórias. A autora utilizou a literatura infantil de uma maneira criativa construída por meio de uma linguagem simples para trazer a todas as crianças principalmente as negras uma criativa discussão sobre a diversidade étnico-cultural e como podemos em meio a uma sociedade que não a valoriza construir uma identidade negra positiva.

A discussão sobre a riqueza do trato do corpo negro e sobre os processos de opressão que o mesmo tem recebido ao longo da história pode vir a ser uma rica atividade pedagógica a ser desenvolvida com os alunos e as alunas em sala de aula, possibilitando debates e atividades sobre a história e a cultura afro-brasileira. Nesse processo, um estudo sobre o negro, o cabelo crespo e as práticas corporais pode ser um bom caminho (GOMES, N.L. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, 2003, pg. 174)

O livro possui uma linguagem simples, com figuras de linguagem no enfoque a sinestésica que nos remete a sensações agradáveis no trato com o cabelo. A escritora apropriou-se de estímulos sensoriais para demonstrar para as crianças (principalmente a menina negra) como o cabelo dela pode despertar sentimentos e sensações prazerosas.

Figura 1 –



Fonte: Meu Crespo é de Rainha

Volto então a BNCC e ao Currículo Orientador da Infância Paulistana onde os mesmos ressaltam que o trabalho com estimulação sensorial amplia a imaginação, a criatividade e as experiências emocionais e corporais das crianças, recurso muito bem utilizado pela autora para transmitir a mensagem as mesmas.

O livro foi ilustrado por Chris Raschka, que faz uso de traços leves para a construção do corpo das crianças e trações fortes e diferenciados para representar os cabelos delas, o uso de diversas cores causa o contraste entre as possibilidades de penteados e também deixam as páginas coloridas um recurso criativo para chamar a atenção dos pequenos leitores.

Figura 2-

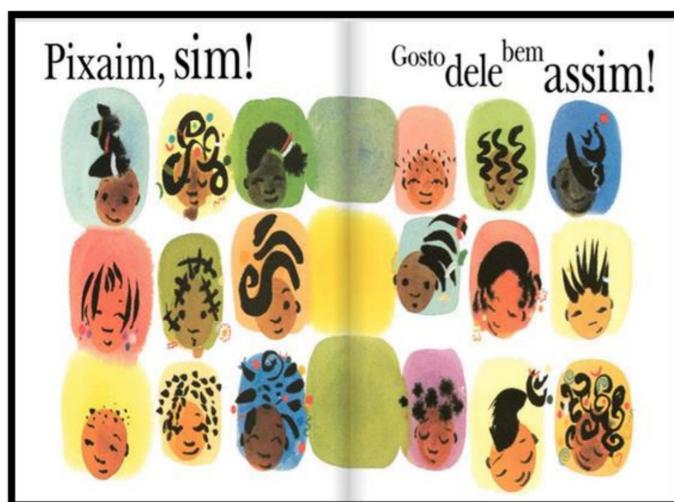


Fonte: Meu Crespo é de Rainha

hooks faz uso de palavras simples, algumas no diminutivo para falar das diferentes possibilidades que as personagens tem para arrumar os cabelos afro, visando assim desmistificar o estigma de que só crianças com cabelos “lisos” podem diversificar a maneira de arrumar o seu cabelo. Também ressalta em um determinado momento o quão é especial ter os cabelos arrumados por alguém, momento de interação familiar fundamental para o apoio a constituição da identidade das crianças, pois sabemos que esse processo se inicia nesse ambiente. Em outra passagem do livro a autora faz uso do discurso direto usando a frase: PIXAIM, SIM! GOSTO DELE BEM ASSIM. Constatamos assim, como o cabelo “crespo” acaba sendo nomeado geralmente de forma pejorativas a fim de reproduzir discriminações direcionadas as pessoas negras. Muitas vezes esses “apelidos” dados aos cabelos afros são mencionados dentro da escola como forma de ofensa, causando um grande sofrimento para as crianças negras e conseqüentemente implicando em um processo de negação de suas características estéticas.

Na escola também se encontra a exigência de “arrumar o cabelo”, o que não é novidade para a família negra. Mas essa exigência, muitas vezes, chega até essa família com um sentido muito diferente daquele atribuído pelas mães ao cuidarem dos seus filhos e filhas. Em alguns momentos, o cuidado dessas mães não consegue evitar que, mesmo apresentando-se bem penteada e arrumada, a criança negra deixe de ser alvo das piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar. (GOMES, 2002, p.45)

Figura- 3



Fonte: Meu Crespo é de Rainha

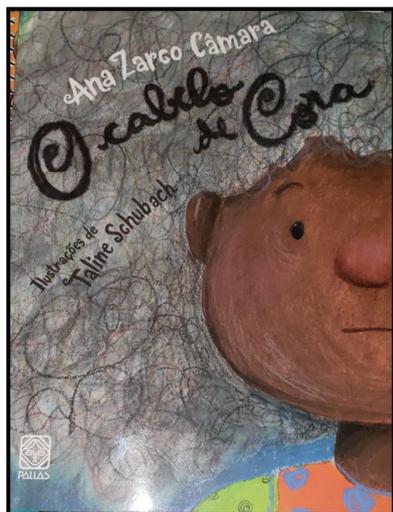
Quando a autora utiliza a frase afirmativa PIXAIM SIM! Ela rompe esse estigma do nome negativo com relação ao cabelo e estabelece um processo de empoderamento e valorização da própria identidade, pois diante disso ela chama atenção para percebermos que não importa o nome que o mesmo receba o importante é você gostar dele da maneira que ele é. Para Berth (2018, p.14) quando assumimos que estamos dando poder, estimulamos em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo a sua volta, criar e descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. Quando a criança percebe as diferentes formas que seu cabelo pode ser utilizado ela rompe com os padrões e assume sua própria identidade e assim torna-se livre para realizar suas escolhas.

Destacar a existência de uma positividade nas práticas do negro diante do cabelo, hoje, quer seja trançando, implantando ou alisando, pode ser um interessante exercício intelectual que nos afasta das análises que primam pelo olhar da introjeção do branqueamento. Poderemos resgatar e encontrar muitas semelhanças entre algumas técnicas de manipulação do cabelo realizadas pelos negros contemporâneos e aquelas que eram desenvolvidas pelos nossos ancestrais africanos, a despeito do tempo e das mudanças tecnológicas. Esse processo pode ser visto como a presença de aspectos inconscientes, como formas simbólicas de pensar o corpo oriundas das diversas etnias africanas das quais somos herdeiros e que não se perderam totalmente na experiência da diáspora. Em todos esses momentos, a busca da beleza por meio da manipulação do cabelo destaca-se como uma virtualidade histórica e atuante. (GOMES, 2003, p. 174)

Pode-se concluir que este livro faz um resgate da autoestima das meninas negras, demonstrando a relação positiva que pode ser estabelecida entre as diferentes formas de ver, sentir e vivenciar o seu cabelo afro, sendo que ele também é um cabelo digno de RAINHA!

### **3.2 O Cabelo de Cora**

O Cabelo de Cora é uma obra de literatura infantil escrita em 2013 pela escritora Ana Zarco Câmara, foi publicado pela editora Pallas e conta com ilustrações belíssimas de Taline Schubach que apresenta suas ilustrações como desenhos infantis pintados com giz de cera um destaque para o cabelo da menina apresentada na história. Trata-se de um livro de poesia infantil que tem como tema o cabelo de uma menina negra chamada Cora. O que chama atenção na elaboração da história é o fato dela ser toda construída como poesia, desenvolvendo um enredo coerente muito bem organizado repleto de questões reflexivas.



Fonte: O cabelo de Cora

Em seus versos a escritora se aproxima da linguagem infantil utilizando palavras simples de uso coloquial, com rimas alternadas e terminadas geralmente no diminutivo, flexão de substantivos muitas vezes utilizadas por pessoas próximas as crianças para estabelecer um diálogo no sentido carinhoso, mais próximo. O livro traz uma questão importante para a formação da autoestima de meninas negras, principalmente porque trata de um tema que desperta inquietações (o cabelo) e muitas vezes é utilizado não para favorecer a autoestima dessas crianças, mas para demarcá-las socialmente como pertencentes a um determinado grupo social historicamente desfavorecidos. Isso ocorre devido a perpetuação de práticas homogêneas que enfatizam um padrão de beleza europeu como sendo o único e belo, negligenciando a existência das diversas formas de ser dos sujeitos, sendo ela inúmeras já que a diversidade étnico-cultural é uma característica marcante em qualquer sociedade.

As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. (GOMES, 2003, p. 176)

A história se inicia dentro da escola, ambiente comum entre muitas crianças, mas que para as crianças negras muitas vezes se torna o local onde o processo de constituição de sua identidade é marcado por discursos preconceituosos e representações negativas ou invisibilizadas de seus corpos. Interessante lembrar aqui sobre como a escola aparece como um espaço conflituoso em relação a essa questão a pesquisadora Nilma Lino Gomes ao realizar uma breve pesquisa sobre o tema com mulheres negras constatou que os depoimentos das mesmas relatam que o período da escola foi uma das piores fases de suas vidas, pois foi onde as marcas das diferenças foram evidenciadas promovendo um processo de exclusão e negação de suas identidades étnico-culturais.

A escola aparece em vários depoimentos como um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra. Lamentavelmente, na maioria das vezes, a instituição escolar aparece nas lembranças dos depoentes reforçando estereótipos e representações negativas sobre o negro e o seu padrão estético. (GOMES, 2003, p. 171)

Assim, a autora nos chama atenção para uma situação que acontece com Cora dentro da escola, onde muitas vezes meninas negras como ela se deparam com pessoas e situações que lhe impõem padrões de beleza a partir de experiências próprias. Uma colega da turma de Cora lhe dá uma sugestão de como poderia arrumar o seu cabelo que ao seu ver era feio e desarrumado, a menina passa a ficar muito pensativa sobre o assunto e vai para a sua casa cheia de dúvidas a procura de respostas. É interessante ressaltar que a amiga que lhe chama atenção é representada pela imagem de uma criança branca com cabelos lisos, longos e loiros e logo após falar com Cora ela dá como exemplos de cabelos “bonitos” nomes de outras amigas que apesar de serem de etnias diferenciadas seguem o mesmo padrão de cabelo, o cabelo liso. A partir dessa situação podemos refletir também sobre como os padrões de beleza hierarquizados não atinge somente os negros, situação como podemos observar na figura abaixo.

Figura 5-



Fonte: O cabelo de Cora

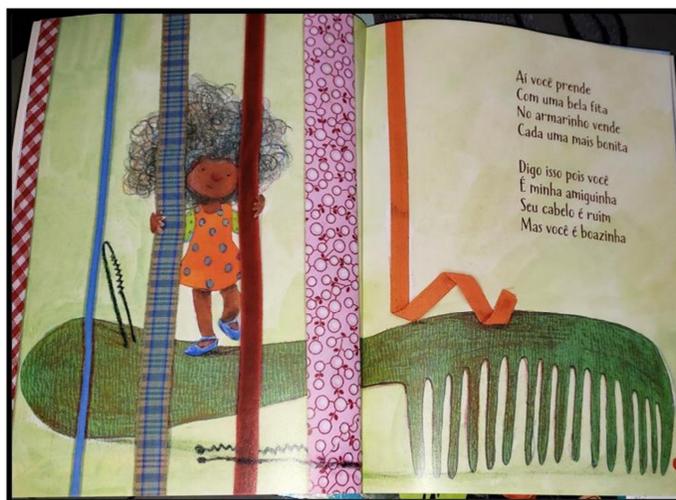
Uma proposta que visa o trabalho com a valorização da diversidade étnico cultural deve ser norteadada por meio de diferentes experiências culturais que favoreçam não só a constituição da identidade negra, mas também propicie as outras crianças de diferentes etnias a percepção de que somos diversos carregados de características próprias, hereditárias e isso serve para compreendermos como nos constituímos enquanto seres humanos e únicos e não

para nos classificar como superiores ou inferiores, pois todos nós somos sujeitos sociais, históricos e culturais diferentes, mas constituintes de uma sociedade.

O estudo sobre o corpo e o cabelo como ícones da identidade negra presentes nos processos educativos escolares e não-escolares poderá nos apontar outros caminhos além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos. Ver a manipulação do cabelo do negro e da negra como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil poderá nos pôr em contato com a história, memória e herança cultural africana presente na formação cultural afro-brasileira. (GOMES, 2003, p. 180)

Em um determinado momento da história a colega de Cora não satisfeita em lhe chamar atenção sobre seu cabelo e mostrar as amigas como exemplos a serem seguidos, também lhe ensina como fazer para arrumar o seu cabelo, como se fosse uma receita pronta que todos seguissem, assim podemos observar que a autora nos chama a atenção para refletirmos sobre como em meio a tantas situações estabelecemos regras que impomos aos outros mesmo que inconscientemente e que essas por se tratarem de experiências próprias se distanciam das necessidades dos outros, construindo marcas de inferioridade aprisionando os sujeitos em padrões aos quais ele não pertence, a imagem do livro onde Cora aparece “presa” em meio a fitas, grampos e pente nos conduz a essa reflexão.

Figura 6-



Fonte: O cabelo de Cora.

O livro também nos presentearia com outras situações importantes para o processo de construção da identidade negra, o apoio familiar e o resgate a ancestralidade, quando Cora se vê perdida em seus pensamentos sobre a “dica” de sua colega ela recorre ao apoio de sua tia Vilma que percebe sua frustração e por meio de uma conversa muito carinhosa e bem explicativa promove um resgate de suas origens lhe mostrando fotos de sua avó e afirmando

com palavras positivas que os seres humanos são diferentes e todos possuem suas características e são belos da maneira que são. Por meio do diálogo a tia de Cora inicia um processo de empoderamento, visto que, a partir daí inicia-se o desenvolvimento de sua autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo. Berth (2018, p.16) conceitua o empoderamento não para tirar poder de um para dar ao outro, mas sim como uma tomada de postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade. Desse modo, percebemos como a autora reforça o trabalho com a autoestima da criança a partir de representações de sua ancestralidade, além de evidenciar a diversidade étnico-cultural por meio de imagens de diferentes tipos de pessoas.

A frase “NÃO EXISTE UM MODELO” rompe com discurso repetitivo de que existe um modelo ideal onde os sujeitos devem se encaixar e conseqüentemente quem apresenta-se fora desse modelo fica a margem desse processo.

A experiência corporal é sempre modificada pela cultura, segundo padrões culturalmente estabelecidos e relacionados à busca de afirmação de uma identidade grupal específica. (GOMES, 2002, p.42)

Figura 7-



Fonte: O cabelo de Cora

Por fim, a história termina com uma demonstração de arrependimento da amiga de Cora que propôs a mudança, o que nos surpreende positivamente, pois situações assim, muitas vezes são marcadas por rancores e implicâncias que são carregadas por muito tempo nas

relações das crianças, mas ao admitir que havia feito algo ruim a colega pediu-lhe desculpas e as duas se abraçaram afirmando assim a amizade, o que de fato é uma constante no universo infantil pois da mesma maneira que se desentendem acabam se reconciliando novamente, em alguns casos a mediação de um adulto se faz necessária, mas não deixa de ser uma relação própria das crianças. Nesse percurso de reconciliação temos a explicação de Cora de como foi o processo que passou para aprender a valorizar o seu cabelo e que na realidade cada um tem o seu e deve assumi-lo na forma que quiser. Assim a história termina com uma bela imagem da personagem contemplando a beleza de seus cabelos e afirmando como ela o reconhece e o valoriza da maneira que é.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da discussão levantada podemos perceber que o trabalho com a literatura infantil na primeira infância é um fator fundamental que contribui significativamente para o processo de construção das identidades sociais das crianças na escola, pois é na infância que se constroem a identidade e as concepções de respeito, e é no ambiente escolar que a maioria das crianças tem o primeiro contato com a diversidade étnico-cultural. Sendo assim, a escola desempenha um papel fundamental nesse processo, viabilizando ações que contemplem a discussão visando a elaboração de um projeto político pedagógico que identifique e reconheça a diversidade cultural e humana.

Os educadores da primeira infância norteados pelos documentos oficiais e a partir de conhecimentos adquiridos no decorrer de sua trajetória devem ter a preocupação de organizar, planejar e viabilizar momentos que desenvolvam as habilidades das crianças tendo em vista contemplar os objetivos dos documentos e promover a interação dos alunos e o desenvolvimento de ações que favoreçam o conhecimento e constituição das diversas identidades. Esse processo só se dará por meio de ações afirmativas que contemplem as discussões onde as crianças tenham a oportunidade de identificar e reconhecer a diversidade étnico-cultural.

A questão de se identificar e assumir uma determinada identidade no caso a negra está agregada a inúmeros fatores. Muitas vezes se declarar pertencente a um determinado grupo pode ser um processo lento e doloroso, principalmente porque afirmar a identidade negra requer uma postura de enfrentamento a padrões históricos, sociais e culturais, assim assumir-se enquanto negro é tornar-se um sujeito que afirma a sua identidade. Nesse sentido, ao passar por esse processo a mulher negra se apropria de suas demandas sociais, sendo uma delas o

cabelo, tema escolhido pelas autoras dos livros analisados para enfatizar as questões estéticas de autoestima, ancestralidade e respeito a diversidade.

O discurso pedagógico proferido sobre o negro, mesmo sem referir-se explicitamente ao corpo, aborda e expressa impressões e representações sobre esse corpo. O cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizados nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro. (GOMES, 2002, p.43)

A leitura literária tende a humanizar as crianças e isso contribui de maneira positiva para a que a construção da identidade negra seja concretizada, valorizando suas origens, seus valores e sua história. A literatura tem o poder de transformar as visões e ações dos seres humanos, será na roda de história por meio da leitura de livros que também a represente enquanto menina negra que essa construção se fará de maneira positiva, sendo que ao mesmo tempo ela participará de forma ativa, concreta e independente podendo questionar, pesquisar e criar representações suas e de seus colegas. Assim, estamos trilhando um caminho onde temos como objetivo a construção de uma identidade ético-cultural positiva, viabilizando por meio da literatura infantil momentos de formação de crianças críticas e conscientes do seu papel social, compreendendo que as personagens dos livros citados, por exemplo, apresentam seu cabelo por meio de várias representações e que a representatividade estabelecida nesse processo demarca sua origem e sua forma de ser negra. Ribeiro (2017, p.50) afirma que os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias. Portanto, se a leitura transforma e a literatura humaniza os sujeitos será por meio dela que poderemos trilhar o caminho da equidade, empatia, respeito e valorização ao próximo.

## REFERÊNCIAS

- BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 20 de dezembro de 2017. Disponível em: [base.nacional.comum.mec.gov.br](http://base.nacional.comum.mec.gov.br). Acesso em: 15 abr.2020.
- BRASIL, Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** MEC/SECAD. 2004.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação Infantil.** Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília, DF, 1998.
- CÂMARA, A. Z. **O cabelo de Cora.** Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, discriminação e preconceito na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000. \_\_\_\_\_ Racismo e antirracismo na escola: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.
- GOMES, N. L. e SILVA, P. B. Gonçalves e. (org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Belo Horizonte, Autêntica, 2011
- GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- HOOKS, B. **Meu Crespo é de Rainha.** São Paulo: Boitatá, 2018
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. Feminismos Plurais.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Infantil.** – São Paulo: SME / COPED, 2019
- SÃO PAULO/ Secretaria Municipal de Educação. **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para a Educação Infantil.** São Paulo: SME/DOT, 2007.